

50ª REUNIÃO DA SBPC

**Simpósio: Questões do Esporte na Atualidade: cultura, racismo e cidadania
(Programação sugerida pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte)**

Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física UNICAMP

Creio ser importante, inicialmente, discutir cultura, porque é impossível falar de esporte descolado de um contexto específico. Para isso, utilizarei a tradição antropológica, na linha de Marcel Mauss - francês, considerado um dos pais da antropologia - e Clifford Geertz - americano, idealizador da chamada antropologia interpretativa.

Mauss, representante da Escola Francesa de Sociologia, cunhou já na década de 20 a expressão “fato social total”, que implica a compreensão de que em qualquer realização humana podem ser encontradas as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica. Essas dimensões constituem uma unidade, quando encarnadas na experiência de qualquer indivíduo membro de uma sociedade.

Geertz trabalha a partir de um conceito semiótico de cultura, considerando-a como um conjunto de textos a serem interpretados. Segundo ele, a cultura é pública, porque o significado o é. Ela não existe abstratamente na cabeça do homem, nem se localiza na sociedade. Ela está dinamicamente em todo lugar onde existam homens interagindo.

A partir da contribuição de Mauss e Geertz, a cultura deixou de ter uma concepção psicológica, apenas como produto de mentes individuais. Foi abandonada também uma concepção típica do evolucionismo do século XIX, para a qual a cultura seria apenas o conjunto de produções de um povo, podendo portanto ser critério para classificar sociedades. Refutou-se ainda uma abordagem oriunda do iluminismo, para a qual as exterioridades culturais deveriam ser desvendadas na busca de um homem natural, o chamado bom selvagem.

Cultura, na tradição de Mauss, inicialmente, e Geertz, mais recentemente, é um processo pelo qual os homens estão continuamente atribuindo significados às suas ações. Ao invés de se pensar cultura apenas como um complexo de padrões concretos de

comportamentos, opta-se por pensá-la como um conjunto de mecanismos de controle que orientam o comportamento humano em situações específicas. Esses mecanismos de controle são construídos, reconstruídos e transformados num processo dinâmico de um grupo específico. Se o homem possui um equipamento biológico que lhe garante respostas gerais, é a cultura específica que lhe fornece o rosto para suas visões, os cheiros agradáveis ou desagradáveis para o seu olfato, os sentimentos alegres ou tristes, os conteúdos de seu pensamento e assim por diante. É a cultura que o localiza no mundo, particularizando-o e diferenciando-o de outros homens.

Esse processo de humanização, segundo Geertz, dá-se de forma contextualizada, à medida que o homem vai manipulando sistemas de significados criados historicamente, dando forma, ordem, objetivo e direção à sua vida. É nesse sentido que o autor afirma que tornar-se humano é tornar-se individual; não uma espécie genérica de homem, mas uma espécie particular.

A partir dessa rápida discussão sobre cultura, é possível pensar o esporte. Se o homem, como condição de sua existência, manipula símbolos de acordo com seu contexto específico, não podemos pensar o esporte como uma entidade desvinculada desse processo. O esporte, como atividade humana que é, está sujeito a todo complexo de padrões culturais específicos de um grupo. Por outro lado, o esporte nas últimas décadas vem sendo alçado a um dos principais fenômenos mundiais, movimentando grandes somas em dinheiro, sendo utilizado como mecanismo ideológico, servindo para reforçar determinados padrões de comportamento e ocupando grande espaço nos meios de comunicação.

A discussão sobre esporte na área de Educação Física tem sido polarizada: ou se considera o esporte como um poderoso fenômeno mundial a ser imitado por todos ou se tenta negá-lo em nome da preservação da dinâmica específica de um grupo. Ou se pensa, macroscopicamente, num fenômeno mundial ou, microscopicamente, numa manifestação particular. A globalização inevitável versus a resistência preservacionista.

Tenho preferido a expressão Cultura Esportiva ao invés de esporte, a fim de enfatizar sempre o caráter dinâmico de produção humana que está presente no esporte. Sendo visto como um elemento de cultura, o esporte manifesta um movimento dialético

entre um modelo mundial com gestos padronizados, técnicas, regras e a sua “encarnação” num determinado momento e num grupo específico. É nesse sentido que se fala do TEXTO do esporte e do seu CONTEXTO (cf. Betti, 1993). Não se trata somente das variações de regras de determinada modalidade ou da criação de outras a partir de um modelo, mas da própria inserção de uma mesma modalidade em contextos específicos, estabelecendo formas e significados diferentes para se praticar o mesmo esporte.

A discussão antropológica sobre cultura na linha de Mauss e Geertz sugere a consideração e o respeito à dinâmica específica de um dado grupo ao lidar com o esporte. Assim, para citar um exemplo, se há um voleibol mundial, devidamente codificado com regras e técnicas, interesses financeiros e usos ideológicos, há um sem número de formas de jogar este voleibol, em função da quantidade de grupos que o praticam por todo o mundo e em diferentes épocas. Cada um desses grupos define interesses particulares, objetivos próprios e características diferenciais. Em síntese, depositam nesse jogo significados específicos, que podem diferir ou se aproximar dos de outros grupos. Ao mesmo tempo em que uma modalidade esportiva constitui-se numa construção humana, consequência de um processo histórico concreto e influenciada por fatores sócio-políticos, ela é constantemente atualizada, recebendo novos significados - inclusive afetivos - na dinâmica de um grupo específico.

Portanto, qualquer análise ou intervenção sobre o esporte, deve considerar o processo cultural simbólico que está presente em todas as ações humanas. Nem a aceitação passiva do esporte globalizado nem a preservação igualmente passiva de um esporte local, como se ambos não pudessem passar por transformações. A questão que se coloca para a área de Educação Física e Esportes é, menos, se uma modalidade esportiva é digna ou não de trato pela área e, mais, a forma como essa modalidade é incorporada e atualizada por um grupo específico. Sendo a cultura dinâmica, há que se considerar os processos de significação inerentes à própria condição cultural do homem. Acredito que a antropologia pode contribuir para essa compreensão do homem como um ser dinâmico, fruto e agente da cultura, porque, segundo Geertz, ela não se constitui numa ciência experimental à procura de leis, mas numa ciência interpretativa em busca do significado.